Um meu amigo, que tinha conhecido muitos ami-

gos infelizes, e tinha lido as minhas novellas, disse-

me assim uma vez:

— Tenho observado que vossê inculca verdadei-

ras todas as suas historias.

—E vossê duvida?

—Duvido por que as acho verosimeis de mais.

— Isso é um absurdo, com o devido respeito.

Pois, se as minhas historias fossem impossiveis, se-

riam mais possiveis?

— A pergunta formulada d'esse modo é irrespon-

divel; mas o que eu queria dizer não é o quo vossô

entendeu.

— Faça favor de se explicar.

—Lá vou. A verdade- é ás vezes mais inverosi-

mil que a ficção. O engenho do romancista conca-

A CARTEIRA DE UM SUICIDA

tena os successos com tanta logica e coherencia quo

o espirito não póde negar-lhes a naturalidade. As

occorrencias advem tão harmoniosas, os successos

filiam-se e reproduzem-se tão espontaneamente, que

o leitor póde, sem desaire da sua critica, pensar que

o romancista é muitissimo mais correcto e natural

que a natureza. Ora agora, o modo como as coisas

reaes se passam, os disparates que a gente observa,

o desconcerto em que andam a previdencia do ho-

mem com o resultado phenomenico e sempre ordi-

nario das realidades, isso, meu amigo, é que as tor-

na inverosimiveis e inacreditaveis, se vossê ou eu

as contarmos com a simplicidade o nudez de que se

ellasvestiram aos nossos olhos. Sei eu acontecimen-

tos que relatados, como eu os presenciei, seriam in-

criveis, e compostos com a mentira da arte seriam

ase delicias do leitor, que julga só verdadeiro o quo

é possivel ter acontecido. Donde eu concluo que a

arte é muito mais verosimil que a natureza, o que

os, seus romances são inacreditaveis por isso que são

verosimeis., Se vossê estivesse a«ora do pachorra,

lia-lho eu um romance, que tenho n'esta gaveta, o

que não ousarei publicar sem a certeza de que a mo-

derna escóla do verosimil cedeu a época ó cscóla da

verdade.

— Queira ler, se não tem medo que cu me im-

posse da sua propriedade.

3 —Nào tenho: faça o uso que quizcr do que vai

ouvir.

A CARTEIRA DE UM SUICIDA

Disse, e tirou uma carteira da gaveta, e da car-

teira algumas cartas.

—O romance está aqui —— proseguiu elle —De

minha lavra tenho pouquissimo que lhe diga. Leia

vossê essa carta.

Antes de a desdobrar, li escriptas a lapis estas

palavras: segunda carta. Disse eu ao meu amigo:

- — Olhe que diz aqui segunda: veja se tem algu-

ma primeira que deva ser lida antes.

Nào tenho. Ahi principiam as inverosimilhan-

ças da verdade : a primeira carta é segunda. Nenhum

romancista do imaginagào começaria o entrecho da

sua novella pela segunda carta; e, quando mesmo

tivesse de adulterar a verdade, não faltaria aos res-

peitos de uma arithmetica verosimil. Ora leia lá a

segunda que é a primeira.

Li:

«Se eu fosse pontual na promessa, que fiz, de

lhe não escrever outra carta, seria mentiroso o amor,

que lhe confessei. O amor da alma, quo facilmente

transige com o amor proprio, deve ser muito froixo

e incapaz de sacrificar-se. Nào a amo como vulgar-

mente se ama : deve, por isso, consentir-me a segun-

da culpa, ou a segunda impertinencia.

«Disse v. ex.a quo não conhecia a possoa, quo

lhe escrevêra: era isso mesmo o que eu prcvira; si-

milhante suspeita era a causa do muito que eu sof-

fria, quando tirava do coraçào essas poucas linhas,

que deviam trazer-me um desenoano. Veiu o desen-

A CARTEIRA DE UM SUICIDA

gano triste e desanimador. Não me conhece. Equi

vale isto a dizer quo eu tive a presumpçosa vaidad

de julgar-me distincto aos seus olhos, e concebi a

loucura dc me crêr comprehendido não sei porque,

nom com que merecimentos. Ainda mais: esse não

me conhecer é uma reprehensão justiceira ao me

orgulho; é o mesmo que dizer-me: não cuides qu

roalças para ser visto entre tantas obscuridades, qu

passam desapercebidas debaixo dos meus olhos.

« Quer agora saber o que é um grande amor

E sentir o coração invulneravel, quando a vaidad

sangra; é amal-a com a mesma ternura, depois d

desengano que ultraja o amor proprio; é esquecer

me de mim o das minhas esperanças, para me s

lembrar do grande valor da sua alma c do pouc

que fiz para lh'a merecer.

« Conhece a sociedade, « minha amiga? » —Não

repare n'oste titulo, quo lhe dou; tenho-a na minh

imaginação, e considero-a minha: posso dar-lhe o

nome que mais suavemente mc sahir do coração.

Conhece a sociedade? Sei quo não. Póde o sou

elevado espirito adivinhal-a qual elle é; mas o quo

em redor de nós se ostenta, a hedionda miseria que

por ahi se entraja do farrapos o lantejoulas, isso de

certo o não conhece, minha amiga...

« Sabe, ao menos, como é o amor d'ostes tem-

POS ?

Não ouso interrogar, segunda vez, o seu cora-

ção; mas dir-lhe-hei, om nome da minha longa ex-

A CARTEIRA DE UM SUICIDA

145

periencia (fica intendendo que sou um velho, e tem

razão) que o sentimento por ahi profanado com o

nome de amor, é raio de luz, que fere os olhos, e

entra morto no coração; é luz que se extingue sem

passar dos sentidos ao sentir intimo, chamado dedi-

cação, confiança, sacrificio, e enlace de duas almas

em vida inteira de lagrimas ou de contentamentos.

Concorda n'este juizo, minha amiga? Pareceu-

me vêr-lhe um gesto de approvaçào. Sc eu estivesse

ao alcance das suas palavras n'este momento, creio

que v. ex.a, me aportaria a mào, dizendo: é verdade

o que dizes: o meu coraçào reconhece a desgraçada

oxactidào das tuas idéas.

«E eu que serei?

«O que seria, no futuro, este amor tão santo que

lhe offereci? Seria o que justamente esta sociedade

denomina absurdo. Seria o amor, quo se crê feliz,

quando faz o que as almas fracas denominam sacri-

ficios. Seria uma vontade sempre ardente de lhe dar

felicidade — que eu sinceramente creio que na vida

de v. ex. a ha desgostos, quo só o coraçào e a intel-

ligencia poderão mitigar.

Disse-lhe o que seria. Quer agora sabor o que

fico sendo? O que até aqui religiosamentc fui: um

homom tão grande no soffrimento como na affeigào;

um seu intimo amigo que bemdiz a Providencia pela

esmola da dolorosa saudade com que fico. Esta dôr

é um Signal de vida no coração: não tinha outro:

creia-m'o.

10

A CARTEIRA DE UM SUICIDA

quero vêr como se escreve um conto verdadeiro, sem

ser verosimil. E li a

TERCEIRA CARTA

« Não falla o coragào na sua carta.

« O soffrimento dá um vista dupla. Vi-lhe a sua

alma atravez das poucas linhas traçadas por um pulso

onde passava o sangue quieto e regular.

« Isto não é accusagào, minha arnicra; é magoa,

é pena de mim mesmo ; será mesmo eo•oismo até certo

ponto.

Nào é a razào humana uma coisa bom misera-

vel? Tenho no espirito a convicgào de que ílào sou

o homem que deve exercer na sua alma imperiosa

influencia; reconheço-me vulgar de mais para abra-

zal-a no amor que transporta e cecra; escuto com

triste complacencia a voz intima do juizo; e, com

tudo, o coragào insensato insuro•e-se contra a razão,

c doe-se por nào poder vencêl-a.

« Pois nio aspirava eu a um dominio absoluto na

sua vida? ! Não imaginei eu todas as venturas, quo

podem oosar-so debaixo do ceu, debuxadas na tela

que até hoje a m?io do futuro me escondia?

« Vou contar-lhe as minhas esperanças todas. Fal-

lemos d'ellas como se falla de um morto, que deixou

saudades.

« Tenho passado tres noites de vigilia dc febre,

A CARTEIRA DE CM SUICIDA

talvez de delirio, encostado á mesa, cm que escre-

VO.

« Conversava com a sua iamo•em ; sentia-me feliz

n'csto recolhimento; dava azas á phantasia; creava

delicias como as que rebrilham e douram a ima«i-

nação do homem virtuoso a quem o Senhor conce-

deu a prelibação do ceu.

«O meu ceu era todo n'este mundo, local unico

onde clle existe, por que tambem existo o inferno cá.

a o ccu cra nosso, só nosso. Estavam cm volta de

nós apenas as formosuras da natureza, que o nosso

amor fizera mais bellas. Corria-nos a vida como um

sonho feliz. Memoria do passado nenhuma tinhamos.

Entre nós estava o anjo do esquecimento que nos não

deixava corar um do outro. Era o nosso presente uma

d'aquellas alegrias, que se respiram na atmosphera

perfumada de uma manhà de estio. Era-nos o futuro

uma visáo esperançosa de contentamentos sempre os

mesmos, um horisonto sempre sereno e lunlinoso do

mesmo arrebol.

Nào a fatigue esta linguao•em nimiamente flo-

rida. Estou escrevendo como o coração scismava.

Desdigo da naturalidade, por que Ine er«yui um pouco

das baixezas da vida real.

« Como havimos nós chegado a esta situação,

minha amiga?

Eu lhe conto cm resumo a outra chimera.

« Imaginei que tinha em si uma alma fervorosa

a dizer-me cm momentos dc desofogo:—O primeiro

A CARTEIRA DE UM SUICIDA

homem, que eu verdadeiramente amei, és tu. Uma

corda havia no meu coração da qual nino•uem tirara

sons. Procurei o amor. E que eu sentia um vacuo

de saudade e angustia por não sei que ser essencial

á minha vida. Enganada pela sêde, cheguei os labios

á fonte d'agua, que me parecêra clara, e estava sa-

turada de peçonha. Recuei horrorisada da perfidia das

minhas esperanças, o cheguei a perguntar a mim

mesma se a felicidade do amor era um prazer mes-

clado de dissabores, e acabado pelo tcdio, o pelo os-

quecimento. Se alguma vez mo pousou sobre o co-

ragüo mio estranha, senti que o fooo d'essa mão não

passava da superficie. A realidade ao aproximar-se

do mim muitas vezes me atterrou. Nunca senti o

arrojo do confiança quo para ti me impclle; nunca

experimentei esto consorcio da alma que parece es-

tranho ás sensações; nunca me senti, orgulhosa do

teu amor, tio sobranceira á sociedade quo mê enoja.

Sou tua.

« Pareceu-me ouvil-a assim fallar, e recordo-me

que esta era a resposta que cu lhe dei com lagrimas

de gratidào: Serás minha por toda a vida. Sou mais

quo teu amante. Sou um amigo \_quc roune os tres mais

sublimes amores da terra—dc pai, de irmão, dc es-

poso, tudo que ha, todas as affeições que podem cons-

pirar para a tua felicidade. Creio que és rica; mas

os teus cofres não encerram ouro sómcntc: ha n'el-

les muita lagrima, c o quo nào é lagrimas são alge-

mas, que tanto se fabricam do ouro como de ferro.

CARTEIRA DE UM SUICIDA

130

A CARTEIRA DE UM SUICIDA

Cospe n'esse ouro, e calca essas algcmas. Sou só no

mundo, o o mais rico dos homens. Dou-te o maior

dos thcsouros o meu coraçào, a minha intelligcn-

cia, o incessanto trabalho do meu espirito, tudo que

sou, quo posso, e quo pela influição miraculosa do

teu amor, possa vir a ser.

Ainda assim, arrisco duas linhas, e depois pe-

go-lhe perdão.

« Lembrava-me quo nos assentavamos sobre as

raizcs muso•osas do uma arvore secular. Em redor

do nós morava o silencio, o a alegria do ccu e da

terra. Comprimi-a ao seio, e fiz-lhe csta pregunta :

Estás saciada do meu amor? Sentes no coração a falta

dc vida, quo te quiz dar? A sua resposta...

((13asta do visões, minha amiga. Nào mc chamo

doido, por quem é, nem romantico, quo detesto essa

palavra. Antes diga que muito d'alma a devo amar

para me elevar tanto sobre o raso das minhas ordi-

narias meditações.

((0 que lhe peço agora é muito pouco: creia-

mc. E prazer para mim a certeza do que mc cstima,

agradecida ao muito que lho quiz.

(A nossa correspondencia nào devo acabar. Cha-

mou-mc sou amigo. Ila-do provar-me quo n'cssa conta

mc tem, fazendo-me confidente dos pesares que a

mortificarem. Sentirá suave conforto, ao Icmbrar-so

quo tem no mundo um amio•o sem restricções, quan-

do o coração lh'O pedir.

Por fim dir-lhe-hei que, sc me pediu a sua carta

A CARTEIRA DE UM SUICIDA

151

por suspeita da minha probidade, peccou: mas não

me offendeu. Vivo no foco mais illustrado o sujo da

sociedade; sei o quo isto é; tenho presenciado com

repugnancia a villania da ostentação; desculpo-a,

pois, e devolvo-lho a sua carta, sublinhando as pa-

lavras que não quizera ter visto. »

Segue-se outra, designada quarta, com a seguinte

nota a lapis—25 de maio de 1850.

Dizia assim:

« Espero úmanhà uma carta da minha amiga. 11a

de essa carta trazer-me uma grande dôr. Será mys-

teriosa a intençào; mas a linguagem clara para mim.

Verei em seu coraça'o uma saudade que a faz escrava

de uma esperança. Respeitarei tal sentimento, e te-

rei a generosidade de nào discutir até que ponto deve

guardal-o. Imporei silencio eterno á minha dignidade

por amor da sua. Não luctarei com ossa saudade ri-

val invencivel para mim. Honrosa será a minha re-

tirada pedindo-lhe pordào de a não ter adivinhado.

Ficarei sendo para v. ex.a o seu primeiro amigo, de-

pois d'aquelle que lhe domina o coração. Deixar-lhe-

hei de mim uma agradavel memoria, o a estima quo

nos merece a pessoa que nos nào offende. Dir-lhe-

hei um adeus com amaroura, e esse adeus será o

ultimo. »

132

A CARTEIRA DE CM SUICIDA

QUINTA CARTA

Dir-lhe-hei um adeus com antargura, e esse adeus

será o ultimo:

« Creança de cabellos brancos ! Veja que pueri-

lidadc ! Poderia eu dizer-lho assim um adeus?! De-

via rir-se de tamanho desproposito, se soubesse como

a amo, como hei-de amal-a sempre, e quo funebre

demonstração cu hei-de dar ao mundo, se não a v. exa.,

d'este alnor.

«Não se diz assim um adeus, quando vai n'elle

a morto de uma esperança que está a luz e o ar

da vida.

O final da sua carta de hontem convida a uma

analysc demorada.

« Vai ao•ora vêr-lnc tal qual sou. E ha-de rir. A

dôr moral tem desatinos que fazem rir os observa-

dores de animo frio. Os padecentes (Icnolnina-os a

critica loucos ou romantieos (que demonio dc pala-

vra Os chocarreiros sào os filhos dilectos do senso-

commum, as pessoas de tino, na «iria da sociedade,

tricana impavczada que arrasta a cauda do vestido,

para esconder o desaire dos pés 1110dclados pelo ta-

manco.

Quer saber v. ex.a? Estava eu ao•ora com ex-

cellento disposiçào para escrever coisas aciduladas e

mordentes contra a sociedade! O epigramma, a iro-

A CARTEIRA DE CM SUICIDA

153

nia, o sarcasmo está a querer ressaltar dos bicos da

penna. Contra quem... não sei. Pcfiso que é contra o

meu destino, que chega ás vezes a fazer-me nojo de

feio que é. Como imagina v. ex. a a minha alma n'estc

momento ? Escurissima ? Nào acertou, A... Tenho um

clarào de alegria no espirito ; é um clarào de luz in-

fernal ; mas é luz. Sabe porquê ? Porque vou accei-

tar o seu conselho : vou fugir-lhe.

Fuja de mim como de uma mulher, que não póde

dar-lhe a felicidade.

« Foram estas as suas palavras, minha senhora.

« Devia ter 'o doloroso convencimento da verdade

quem as escreveu. Quem as nào acreditasse devia ser

mui pouco penetrante de espirito.

« Fugirei, minha amiga. As suas palavras são para

mim preceitos sagrados, qualquer que seja a signi-

ficagào terrivel d'ellas, velada pela delicadeza.

« Deixe-me ter um .rasgo de vaidade, suppondo

que v. ex.a me considera digno da sua estima. Deu-

mo nome de amigo. Jú foi muito, foi de mais para eu

crêr que n?úo lhe tendo sido até hoje importuno.

« O que a minha amiga nao pódc é amar-mo. E

nào pódo (parece absurdo o que vai lêr) pór que acre-

ditou as minhas cartas, viu quo eu amava com a oner-

gia d'alma apaixonada, consultou-se, cntcndctl quo

eu a forçaria a igualar-me na paixão, fez-me a jus-

tica do suppôr que eu nào poderia scr encranado, c

resolveu affastar-se com senhoril delicadeza.

Fez bem. Praticou uma rara o sublime virtude.

A CARTEIRA DE CM SUICIDA

Ainda lhe não chamei anjo : hei-de por força chamar-

lho anjo agora.

Foz bom. O fogo de minha alma havia de fa-

zer-lhe mal. Julgaria cm mim um insensato, por qu

eu, de joelhos a seus pés, nao poderia scr uma rc

petição das phrascs do dia anterior. Umas vezes mos

trar-me-ia creanga embriagada de innocente fclici

dado ; outras, havia de receiar que eu a roubasse

todo o mundo com a furia de demonio.

Um amor assim seria funesto á sua situação

Grandes angustias poderiam sobrevir á minha ami

ga. No momento em que eu lhe visse o Signal de um,

lagrima, chorada por minha causa, no momento e

que mc dissesse :— fazem-me soffrer por que tc amo

vêr-me-ia de joelhos pedindo-lhe que mo acccitass

como irmão.

« Feri agora a sua dignidade? Pódc ser ; por qu

ahi falta o amor que denomina virtude esta prov

do extrema amizade.

« Ora vê, minha amiga, que prudente foi cm m

dizer quo não cra a mulher da minha felicidade ?

« E preciso, pois, fugir-lhe ; mas fugir-lho não

renunciar a cscrcver-lhe, a vêl-a, a contemplar, noit

alta, uma sombra quo possa ser a sua, atravcz do

transparentes. Não, que é preciso mais.

« Fugir-lhe é dcixar csta terra, é devorar não so

em que solidão o veneno do desespero, sem maldi

zer a mão quo m'O dá: é soffrer o inferno que soffr

quem não pódc chorar.

A CARTEIRA DE UM SUICIDA

153

« Triste desenlace ! se soubesse o que tenho sido

para si ! Se me adivinhasse ha dez... ha quatro an-

nos ! Se calculasse as situações amaro•uradas em que

me tenho visto por sua causa !... Se soubesse de que

heroismos tem sido capaz o animo de um homem,

que a sociedade injuria 'á traigào !...

« Ha na minha vida lances tão singulares em des-

graça, com referencia á minha amiga, que se os sou-

besse, se lh'os eu contasse, amava-me : faria o mi-

lagre de achar dois corações em si.

Agora, já posso dar-lhe um adeus com os olhos

enchutos. Lá vai tudo quanto a desgraça me fez es-

perar. A esta agonia ha-de seguir-se a prostração de

longos tempos, se a morte bemdita não vier. Não

vem. A maldição ha-de continuar. Acceito-a com

paciencia, e sirva ella de merecimento para que a

minha amiga seja feliz. »

SEXTA CARTA

« Prophetisei a sua carta de hontem, e não pro-

phetisei o seu silencio de hoje. Donde concluo que

tanto se póde sor propheta como tolo.

« No presupposto de que v. ex.a aqui não manda

mais, peço-lhe licença para enviar uma carta, quo

v. ex.a rasgará com as outras. Se me lastima infe-

liz, regeito a piedade. »

156

A CARTEIRA DE CM SUICIDA

SE'I'I.MA CARTA

« Queres o impossivel ? Eu nào sci dizer-te o que

é esta transfiguraçào ! Nào cessaram as contracções

violentas do coragào desde que recebi a tua carta.

Sahi do theatro ha duas horas : tenho esperado o mo-

mento da tranquillidade para te escrevcr. Chega a

ser dolorosa esta alegria. Cá sinto os dezoito annos.

Não amaria eu nunca ? Serás tu o meu primeiro amor,

o verdadeiro, o fatal, filha da minha alma . .

« Diz-me que comprchendes este desalinho de

idéas. Diz-mo que nunca homem algum to disse o

quo mo sahe da consciencia como um juramento feito

na presença de Deus. Adoro-te com mais vchemen-

cia do que póde o coração humano. Não quero quo

alguem tenha adorado assim. Diz-mo que nào. Jura-

me que eu n•ao seria acolhido tua alina, se ti-

vesses encontrado quem por ti sentisse esto amor

quo me cndoidece ! Serei eu o teu amor de toda a

vida? Não sentes que hei de preencher todas as tuas

ambições ?

« Esqueço quo fui infeliz. Queria ter padecido mais

para convencer-me dc que és a Illinha recompensa.

Tenho soffrido pouco para to mcrccer. Sabes tu quanto

vales ? Quero quo tenhas orgulho do muito que pó-

dos, Quero quc oigas a confissào do homem, que só

A CARTEIRA DE CM SUICIDA

157

tinha no coraçào a tua imagem, e no horisonte do

seu futuro a tua sombra.

Terei eu de perder-te? diz-me que não. Abre-

me a tua alma com piedosa franqueza. Pinta-me o

nosso futuro. Vem ao encontro do pensamento que

me arrebata a um futuro em que sejamos invejados

do mundo. Nào sonhas isto ?

« Sou fraco, nào póde o coração com tanto. Aqui

tens o homem que se julgava um cadaver. Fizeste do

mim uma creança... Recorro á tua intelligencia para

ser comprehendido. O que serei eu quando te sen-

tir o arfar do coragao !... Será isto o presagio de

grande infortunio Se tenho de perder-te, despre-

za-me. »

OITAVA CARTA

«Queres que cu te diga o que eu li no teu rosto?

Pareceste-me expansiva de contentamento. Li as ale-

grias intimas de uma alma que sabe que é adorada.

Resplandecia d'esses olhos, unicos em formosura o

expressào, o intimo ardor cm que se ha de queimar

o coraçào que ouvir as pulsações do teu. Mal te fitei

nos olhos, temeroso de ser surprehcndido. Eu não

tenho nem quero «amio•o intimo» de quem fie oste

segredo. Queria quo toda a gente soubesse que te

amo, e ao mesmo tempo escondo, como avarento,

este thcsouro.

138

A CARTEIRA DE CM SCICIDA

I

« Manda-me as flores promettidas; e um beijo na

rosa unica. Uma só. »

—Vejo isto bem encaminhado —disse eu rece-

bendo outra carta.

—Leia, se nio está aborrecido.

--—Nào estou. Sào toleravcis as cartas, á conta

da sua simplicidade; mas não promettem catastro-

phe, que dê Péga a um romancista. vossô mc

adiantasse uma parte do fim da historia, parece-lne

quo ou iria lendo com mais curiosidade.

—Não adianto nada. Leia, se quer.

NONA CARTA

Enganou-me, c eu nào lhe Inerceia isto. Não

ha liberdade na sua alma. Não Ine ama, neln já pódc

amar-mo. Eu tinha accumulado desgostos sobro des-

gostos. Respirei uma hora contando-lhe o Incu viver

com lealdado e franqueza, quo me espanta. Fallci-

lhe 'scmpro como so falla a Deus. Quando a via na

minha imaginação, vibrava-mo o trclnor do rospeito. ,

Procedi indiscretamente. NNO devia escrcvcr-

lhe com o desassombro dc homem que pensa encon-

trar um coração desligado de saudades ou esporan-

gas. Antes dc supplicar-lhe a sua estima, dcvia con-

A CARTEIRA DE UM SUICIDA

139

rontar-me com quem lh'a mereceu. Se eu assim

zosso com desprcoccupagào e consciencia, vista a'

inha incapacidade, convencer-me-ia de novo que'

está o impossivel entre nós.

« Está fria, fria de morte para mim !

« Um homem soberbo não faria esta confissào.

u, humilhado pelo infortunio, até confesso o quc

ne faz corar.

Chamou ás suas flores um adeus. N'egsa inten-

gio as recebi.

« Quando me erguer d'\_este leito, onde a febre me

mortifica, irei buscar outro mais longe. Póde mor-•

rer-se aos trinta annos, saciado da existencia.»

DECIMA CARTA

« Para a atrocidade das suas expressões não ha

esquecimento nem stoycismo.

« Franqueza por franqueza. Eu não posso mais

volvor ú fclicidadc que sentia, antes de receber a sua

carta. Estava affcito ás dosillusõcs ; mas com tal crueza

nunca as experimentei. A minha maior dôr guarda-

va-m'a a pessoa, que mc chamou amigo.

Grande confiança tens na afeição que me inspi-

. —palavras suas. Isto offende o coração c a

cabeça. Nào sou orgulhoso; mas sou homem. D'este

modo nom a um inimigo se dizem as coisas. A ver-

160

A CARTEIRA DE UM SUICIDA

são da sua phrase, se a ha mais baixamente litteral,

é: presumes muito de ti. Nào, minha estimavcl se-

nhora, nào presumo nada. Por isso mesmo que lh'O

disso muitas vezes, devêra v. cx.a abster-se de m'O

atirar á cara.

Não sinto ainda paixão nem amor! Estas pa-

lavras recebem-se; censural-as é um contra-senso.

Tanto posso eu queixar-me de v. ex.a que as escre-

veu, como de Deus quo nos manda a morte. E a fa-

talidadc. O que muito é de notar-se é a coragem da

punhalada. Não devia assim desenganar-me. Tem

havido algozes muito delicados no oficio d'elles, mi-

nha senhora. V. cx. a, se quizcssc, podia tomar qual-

quer pretexto. Fosse qual fosse, havia dc ser por força

muito mais delicado. Certas franquezas, se as não

adoçarem o melindro, orçam pela barbaridade. A

delicadeza é tão necessaria para a conscrvaçào do

amor como para extinguil-o.

O verdadeiro anuo?' só o dá q fascinação. E uma

maxima de v. ex.a Eu não fascino nino•ucm, minha

senhora. Sou como a maxima porção dos homens ; a

maxima porfio dos homens é que mc faz a justiça

de mc julgar diffcrento d'ella.

Pois a prova de grandeza da minha alma é cs-

quecer-me de que v. ex.a póde scr minha ?! Que re-

medio tenho eu senão dar-lhe, essa prova ! E uma

abnegaçào que se finge coin mascara. A comedia do

mundo tem d'estes heroes á força ; eu, porém, sin-

ceramcnte lhe digo quo amei muito para acccitar

A CARTEIRA DE UM SUICIDA

de boa vontade o heroismo. A minha amiga quer fa-

zer-me santo? Muito obrigado.

« Agora rio-me de mim proprio, e v. ex.a, se

quizer, póde fazer o mesmo.

Se eu fosse um homem dôido em ancias dos

mil prazeres que a posse da sua vida poderia dar-

me, sabe o que fazia agora ? Fingia esquecer as phra-

ses da sua carta, acceitava a de {manhã como um

desmentido á de hoje, o simulava a mais amorosa

resignação aos caprichos de uma senhora tão opu-

lenta de seducções.

« Não sou assim. Paguei franqueza com franqueza.

Queria o seu amor, e queria — deixe-me ceder ainda

a esta exaltação 1— queria um amor virginal, porque

a virgindade está no coração. Cite-me das minhas

cartas uma palavra incoherente. Fallei-lhe sempre

como já ninguem falla a Deus, e ás mulheres nunca

fallou alguem, a não serem os parvos.

« Acabou tudo, menos o respeito com que pro-

nunciarei sempre o seu nome, e o desejo de morrer,

pronunciando-o ao anjo bom, que não fugiu ainda

de minha alma. A amizade desinteresseira e dura-

doura faz estes prodigios.

« Não me comprehendeu : é o que foi.

11

162

A CARTEIRA DE UM SUICIDA

ULTIMA CARTA

« Para que hei do illudir-me e illudil-a ?

Se lhe digo que sou seu amigo, creia-me, por-

que ha sentimentos de sympathia superiores á nossa

fontade.

So para provar-lhe esta verdade me ordenasse

um serviço superior ao que podia fazer-lhe um ir-

mão, tudo faria com risco de vida, e pouco lhe dava,

porque a minha vida é um poste de supplicio a que

estou acorrentado.

« Disse-lhe que, lida uma sua carta, nàp podia

volver mais -á felicidade que sentia antes do a lêr.

E desgraçadamente certo. A minha alma está toda

na ferida quo mo fez. Cahi.

« Bem podia eu pedir uma falsa linguacrcm aos

recursos da minha ima«inaçào. Respeito-a do mais

para mentir-lhe. Tenho uma memoria infeliz ; mas

a sua carta cstá cm letras de fogo.

« Minha amicra, cu creio que não haverá no mundo

um homem que não a mue. Se haverá ahi amor co-

mo cu lhe dera, seria orgulho, sc não pieguice, de-

cidil-o cu. Eu sei cá mesmo so ainda assim era in-

digno dc v. cx. a !

« Tenha a certeza dc que cu sei que esta carta

a não faz soffrer. Jú vê quo o seu sorriso desdenhoso

não é bem applicado.

Oiga agora as reflexões que lhe faz um amigo,

A CARTEIRA DE UM SUICIDA

163

receba-m'as como conselhos, e zombe do conselhei-

ro, se quizer.

« Olhe, senhora, se a sua vida precisa de uma

affeiçào carinhosa, nunca se dedique a pessoa por

quem não sinta uma attracgào forte e vehemcnto.

« Nunca se fie do amor que vem depois da posse.

Faça por encontrar um homem de coragào e de

intelligencia ; por quo a estupidez mata o amor com

a grosseria, e engana sómente a distancia.

« Se encontrar esse homem, considere-o distincto

e nào ponsc (1110 0 segredo de se fazer, amar muito

consiste cm saber mortificar com pequenas ou gran--

des injustiças. Na maior parte dos amores mortos

devia escrever-se oste epitaphio : capricho.

« Ao homem que lhe enviar temerariamente ou

apaixonadamente uma carta, devolva-lh'a sem res-

posta, se um dia tiver de dizer-lhe que o nào amai

nem o authorisa a julgar-se amado, por demasia de

confiança na affciçào que lhe inspira.

Estas reflexões bastam para quo a minha amiga

dê ao seu intelligente espirito o trabalho de as es-

tudar. Occulto uma por delicadeza. Nào estou au-

thorisado a fazcr-lh'a, minha amiga, por amor do

si propria, c nào deve querer ouvil-a.

Se as rojcitar, poderá ser feliz no vigor da mo-

cidade, mas os ultimos annos da sua vida serao cor-

tados de amargura. Ha-de volver os olhos ao seu

passado, e vêr-me-ha cntào, sem talvez saber em

quo oito palmos dc terra cu durmo o somno eterno.

A CARTEIRA DE CM SUICIDA

E tempo dc concluir.

Dou-lhe um abraço de amigo, e um adeus com

saudade e melancolia.

Pela terceira vez lhe digo que não costumo cho-

rar. As lagrimas de sano•ue não se mostram nos olhos.

Sempre, e com nào vulgar estima, seu amigo. »

— Não ha mais cartas, disse o sujeito.

Vamos agora a explicações.

—As que eu poder dar, já lh'O disse.

— Primeiro que tudo, a mulher era casada ? Pa-

rece-me que adivinhei.

— Cubro a fronte purpureada de pudor, e digo-

lhe que sim.

— Era formosa ?

— Não sei ; mas está aqui n'esta carteira uma

poesia que esclarece as nossas incertezas. Queira

vossô lêr, que eu nào sei declamar versos, c receio

que a ossada do poeta estremeça sacudida por algu-

ma injuria ao rythmo :

EM FRENTE DO TEU RETRATO

Como tu és bella e amada !

Como a Circassia te inveja

Os arcos negros, que enquadram

Teus olhos, onde lampeja

Fogo do genio e paixão,

Faiscas vivas da lava

Que te escalda o coração !

A CARTEIRA DE UM SUICIDA

Na fronte lisa e escampada

Que translucido talento I

Que bello espelho do vago

Volitar do pensamento,

N 'um orbe todo de luz

Em redor do ideal no bello,

Que te arrebata e seduz !

Nos labios te nascem beijos

Como as espontaneas flores,

Beijos calidos ou ternos

Dos que refrigeram dores

Ou abrasam sensações :

Beijos de mài na ternura,

Beijos de amante em vulcões.

165

—Isto pouco diz. Dê-se, porém, de barato que

é formosa a mulher. Posso saber d'onde é, e quem é?

—E da sepultura, e nào é nada.

—Tragica resposta ! Faz lembrar o Ninguem! de

frei Luiz de Sousa, e o qu'il mourut! de Corneille.

Entào morreram ambos?

—Morreram.

—Homem ! estou a temer que estas cartas sejam

contagiosas, e lembro-me, se morrerei antes de sa-

ber a historia!... Diga lá o que quizer Mas ahi

está outro papel... Que é isso? póde vêr-se?

—Póde: é outra poesia. Ahi tem.

Li a poesia. Volte o leitor a pagina, se a não qui-

zer lêr que é longa.

166

A CARTEIRA DE CM SUICIDA

ERAS TU

Eras tu, irmã dos anjos,

Aquella imarrem tão linda

Que eu recordo agora ainda

E tantos annos lá vão !

Eras a luz oudulantc,

Que scintillavas errante

Quando cm ancias delirante

Te buscava o coração.

Os meus olhos mal sabiam

Conhecer a formosura;

Mas a alma prematura

Te sonhava linda assim !

No ceu, na flor, que magia !

Não sei que era o que eu via ;

Sem saber o que sentia,

Sentia o ceu dentro Cin mim.

Eras tu ! Lembra-me, á tarde,

N'aquellas horas d'amores

Em que o perfume das flores

Filtra vida ao coração,

Lembra-me vêr-tc indecisa

Como a sombra que deslisa

Nas folhas que a leve brisa

Beija em doce agitação.

Quando, mais tarde, a belleza

Os sentidos me encantava,

E a minh'alma se abrasava

N'outro fogo d'outros cens,

Via uns olhos, —ai ! se via 1—

Nas densas trevas, no dia,

E eu d'amor d'elles morria,

Que esses olhos eram teus,

168

A CARTEIRA DE UM SUIBIDA

Amor d'alma é isto. Oh ! crê-me...

Nunca foste assim querida,

Nem viste assim abatida

Tão forte alma a teus pés !

Sinto-me grande ao teu lado,

Soberbo de ser amado...

Podesse eu ser inspirado

Para dizer o que és f

—Tem vossê a palavra—disse eu ao meu amio•o.

—A mulher yecebeu a ultima carta do poeta, e

cuidou que no dia seguinte recebia outra, desdizendo

da linguagem grave e fria do adeus que vossê na-

turalmento leu, pensando como 011a. Como se enga-

nasse, esperou tres dias, eno•anando-sc sempre. Ao

quarto, foi ella quem lhe escreveu, segundo as infor-

mações que tive, ha pouco, de uma creada, que en-

tão estava na confidencia de ambos. Ao quarto dia,

já o sujeito tinha sahido da terra em que estas obs-

curas e trivialissimas scenas so passavam, o viera

parar a uma das minhas quintas, onde eu então re-

sidia.

Acolhi-o com muita satisfação: pedi-lho a histo-

ria do seu ultimo anno, c elle respondeu-me que a

ultima pagina do um mau romance era a peior do

todas. Vi-o tristo e contemplativo; mas, a dizer a

verdade, nunca o tinha visto com mais alegre som-

bra. Fallou-me algumas vezes dc uma mulher, e d'isso

conclui apenas quo 0110 tinha gostado muito de uma

mulher, que devia ser a quinquagesima da sua pri-

meira paixao.

A CARTEIRA DE UM SUICIDA

169

Esteve em minha casa tres mezes, e sahiu de re-

pento para a cidade d'onde viera. Li os jornaes que

elle recebêra n'aquelle dia para descobrir alguma no-

vidade que esclarecesse aquella subita sahida. Com

effeito, nas locaes de duas gazetas, dava-se a noticia

de ter recebido os sacramentos a ex.ma sr.a D. Fu-

lana de tal, esposa do sr. Fulano de tal.

Recebi no seguinte correio os mesmos jornaes,

com a noticia de ter fallecido a mesma senhora de

uma tysica tuberculosa, que arrebatara no melhor

dos annos uma esposa estremecida, cheia de virtu-

des e formosura.

Fui á cidade onde estava o meu amigo. Com muito

trabalho, pude encontral-o no cemiterio publico, en-

costado ao gradeamento de um jazigo, onde se liam

os appellidós da senhora que os jornaes deram morta.

Travei do braço ao homem, que parecia impe-

drado como uma estatua de adorno do jazigo, e le-

vei-o para o meu quarto na mesma hospedaria, e

disse-lhe tudo quo o cspirito socegado dos mestres

de necrologio inventam. Onviu-me silencioso, e eram

mais os cigarros que elle fumava do que as phrases

que eu dizia.

Decorridos tres dias, pedi-lhe que fosse para mi-

nha casa, e elle respondeu que iria, passada uma

semana.

Por saber que a minha companhia o importu-

nava, deixei-o andar sósinho, mas espiado. Soube

que elle ia, todos os dias, ao cemiterio, e trazia al-

170

A CARTEIRA DE UM SUICIDA.

veneis a assentar as pedras de um jazigo. Fui vêr

as obras do meu amigo, e vi os pedreiros a abriem

uma sepultura simples com uma cruz tosca, ú beira

do moimento onde estava enterrada a senhora, já

com um epitaphio em maus versos, se me é licito

ajuizar de versos.

Receei que o meu amigo se suicidasse, e disse-

lhe os meus receios. Respondeu-me com gravidade

e socego que se suicidava. Não sei o que lhe disse ;

só me lembra que tive muito pouco que lho dizer.

Segui-o sempre, mas elle pediu-me com muita de-

licadeza que o deixasse, o não lhe tirasse as suas

horas do solidão.

Cuidando eu quo o salvava, com dizer-lhe que a

morte de F. resultara de uma disposiçào hcrqditaria

para a tysica—informagões que me havia dado o

proprio medico d'ella—o meu amioo respondeu-mo

que tambem assim o pensava, nem tinha interesse

cm pensar outra coisa. Isto era mandar-me callar,

ou levar informações a quem m'as pedisse.

Quinze dias depois da morte da dama, cujo ma-

rido vi ha dias com a sua segunda mulher, o poeta

entrou á meia noite na hospedaria, e escreveu pou-

cas linhas sobre um papel, tirado da sua carteira.

Prestuno que se deitou depois, e tomou serena-

nento umas pilulas como quem sc medica para dor-

mir.

Medicina fôra aquella que o fizera cahir n'um

somno d'onde ha-de acordal-o a trombeta do juizo

A CARTEIRA DE UM SUICIDA

171

final. Se é certo este juizo final, espera-se que o meu

amigo se levante com a sua mortalha ao lado da mu-

lher por quem se matou. Escassamente medeia um

palmo entre as duas sepulturas.

Esta carteira estava sobre a mesa, onde elle es-

crevêra as ultimas linhas, que diziam uma coisa as-

sim: «Sou fulano de tal. Quero ser enterrado no ja-

, o qual jazigo comprei

cemiterio de...

zigo n.0... ,

em tantos de tal. » E nada mais.

Está dito tudo. Se vossô contasse a historia co-

mo a ouviu de mim, ninguem lh'a acreditava, por-

que é verdadeira. Ao meu amigo cumpre agora re-

compol-a com mentiras, se a quer fazer verosimil.